

José Cardoso Pires

Escritor,

lisboeta e bissexto

Entrevista Isabel Lucas e Pedro Teixeira Neves **Fotos** Paulo Alexandrino

Escrevi em tempos uma carta, não vou dizer a quem, a uma instituição que atribuía um prémio, declarando-lhes que jamais o aceitaria. Porque no júri desse prémio figurava um indivíduo que me censurava e impedia a publicação de um livro meu. Refiro-me a um académico ou coisa assim de nome Luís Forjaz Trigueiros.

Vencedor do Prémio Pessoa, José Cardoso Pires era um entrevistado inevitável para uma conversa abrangente. Literatura, política, Lisboa, o fado e os prémios. Os universos de um escritor beirão de nascimento, mas lisboeta de alma. Há dez anos que não publicava, desde "Alexandra Alpha". O silêncio quebrou-se este ano, com o testemunho de uma experiência próxima da morte. S. Pedro, diz, não quis nada com ele. Depois do reconhecimento, prepara o próximo livro, uma biografia de um tio-avô mafioso, passada na Lisboa dos anos 20. Para ler talvez em Outubro.

Como é que sentiu este prémio?

Nunca me passou pela cabeça ganhá-lo, porque me considero um cidadão com o mínimo de bom senso. Num País onde há uma Paula Rego, um Siza Vieira, um Júlio Pomar, por que é que me havia de calhar a mim?

Mas também havia um Cardoso Pires...

Sim, talvez eu estivesse no meio, por isso meteram-no lá. É um prémio muito difícil de prever ou ter em relação a ele qualquer pretensão. Não se sabe para onde é que vai! Ter vindo para mim é particularmente grato. Não foi meramente por estes últimos livros. Já foi atribuído a muita gente que eu respeito.

Pela primeira vez é um romancista que ganha...

Sim, já tinha pensado que o júri não se interessava por romance. É gratificante porque me sinto bem acompanhado. Respeito os prémios pela tradição que os prémios têm e pelo júri. Escrevi em tempos uma carta, não vou dizer a quem, a uma instituição que atribuía um prémio, declarando-lhes que jamais o aceitaria. Porque no júri desse prémio figurava um indivíduo que me censurava e impedia a publicação de um livro meu. Refiro-me a um académico ou coisa assim de nome Luís Forjaz Trigueiros.

Um seu inimigo de eleição...

Um livro meu alguma vez lido por um tipo daqueles era uma vergonha para mim. Outra coisa que eu jamais aceitaria seria um prémio da Academia das Ciências, embora respeite alguns que o receberam. Já foi dado a todos os escritores, ou quase todos. A lógica é esta: não concorremos ao prémio, como tal, temos direito de o rejeitar.

De que depende então, fundamentalmente, a sua aceitação de um prémio?

O prémio é também o júri, ainda que eu não o conheça, como foi o caso deste Prémio Pessoa, do qual só sabia de um ou outro nome.

E que prestígio atribui ao júri da Academia Sueca?

Não sei qual é o júri, ou se calhar nem se sabe. Pode-se atacar a Academia Sueca por muitas coisas, uma delas será a anedota de ter dado o prémio literário a Churchill, por exemplo, que provavelmente nem sequer escreveu uma carta de amor à mulher, sei lá.

O que pensa então do júri suco?

Pelo menos, tem a vantagem de as pessoas não serem propostas, embora aqui, nos tempos da cultura do Estado Novo, alguns iluminados, incluindo eu, tivessem assinado papéis a propor escritores. Era costume. O Torga figurou em muitos atestados dessa boa-vontade. Mas acho justo que um português ganhe o prémio. É injusto que isso não aconteça.

E teria eleito Miguel Torga?

Naquela altura achava que era bem entregue ao Torga, embora não seja um escritor da minha apreciação. Nunca foi um escritor que eu admirasse. Sou dos poucos que assim pensa, reconheço. Como português, prefiro-o a Dario Fo em termos de calendário de Nobel.

Ainda assim, continua a acreditar na Academia Sueca?

Diz-se muita coisa acerca da Academia. Não conheço. A verdade é que tem premiado escritores geniais. É verdade que o Nobel tem muitos anos e passou por muitas coisas. Foi atribuído ao Pasternak e eu fiquei deslumbrado, evidentemente. Mas um Nobel pode ser atribuído, muitas vezes, por razões políticas, e perguntamo-nos se no caso de Pasternak não entrou em linha de conta o admirável resistente ao Totalitarismo soviético que ele foi. De toda a maneira, o Nobel não é um Prémio Lenine, claro está.

Há quem pense em si para Nobel...

Não interessa o que se pensa aqui. Interessa muito mais o que se pensa lá, e que eu saiba nessa lista não consta o meu nome.

Mas compreende as posições de um Herberto Helder, que recusou o Prémio Pessoa em 94, dizendo "Não digam a ninguém, dêem-no a outro"?

Compreendo e admiro. Tomou um posicionamento admirável em relação à opinião e ao consumismo literários, rejeitando todo e qualquer exibicionismo, toda e qualquer mais-valia da sociedade promocional. No fundo, mantém uma posição que lhe vem do passado. Considero-o o poeta português vivo que mais admiro, ainda mais consequente por isso mesmo.

Este prémio surge numa altura importante da sua carreira?

Já ganhei vários prémios, embora para mim este seja mais significativo. É preciso ver uma coisa, a escrita tem idade. Repare, eu comecei a escrever há quarenta e tal anos. Já disse a alguém que me considero um escritor bissexto porque, realmente, escrevo pouco, lentamente, e publico pouco.

Para além de ser um prémio de reconhecimento, é também um prémio de estímulo. Este seu regresso foi como que o "ressuscitar" para a literatura. Num ano lançou dois livros. Nada mal para um escritor lento...

Sim. Mas antes disso tinha lançado "Alexandra Alpha" e aquele romance demonstra que eu estava vivo, sóbrio e com uma voz bastante pessoal. Ali não há misturas de ninguém, não há ecos de ninguém e é um livro pelo qual tenho um particular orgulho.

Mas foi um livro incompreendido por muita gente, não foi?

Talvez. Depois estou dez anos sem publicar. Se editar cinco livros em dez anos, eles arrastam-se uns aos outros, chamam-se entre si. Mesmo que se publique uma obra-prima e se esteja vinte anos sem chamar nada, essa obra está perdida, porque aquele livro morreu e com ele você. Eu escrevo livros para mim, não escrevo para público nenhum. Penso que o autor que escreve para o público acaba por levar pedradas, a não ser que sejam profundamente claros e objectivos nos

seus propósitos, como os de aeroporto. É outro princípio e estou de acordo com ele. Agora, as duas coisas não se têm. O escritor escreve para si, fundamentalmente -- obviamente com a ideia de que outros o vão ler --, mas quem se respeita ali não é o leitor. É cada autor em si mesmo. Depois entra-se na segunda fase, a da indústria editorial e nessa altura é que há uma outra comunicação com o público, que passa pelas entrevistas e pelas diversas fases da divulgação. Mas é evidente que se um indivíduo se mantém dez anos sem publicar um livro, está morto ou pelo menos em estado de hibernação.

Até que publica "Valsa Lenta". Foi uma experiência determinante para voltar à escrita?

Não, eu não tenho esse problema da morte, já passei por ela, pelo menos por aquela, e não me meteu tanto medo como isso. Andei por lá, penso eu, mas tenho a impressão de que o São Pedro é que não me quis receber. Não tenho a obsessão da morte. Quem não pensa na morte está morto. Estou convencido que um dia, parto uma unha do pé e morro. Esta é a morte de que eu gostaria, suponho.

O seu editor nunca se queixou desse seu ritmo lento de estar na escrita?

Bastante.

E o que é que lhe responde?

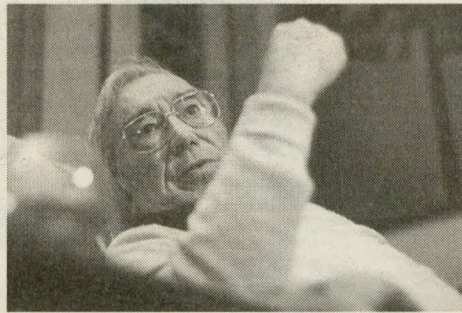
Que não tem outro remédio. Eu não penso que um indivíduo que escreve lentamente -- ou de mão feliz, como se possa dizer -- seja um bom escritor. Stendhal, que ditava tudo ou quase tudo, escrevia obras-primas em poucos meses. Outro é capaz de escrever miraculosamente, 1200 páginas num ano e algumas delas admiráveis: o Norman Mailer.

Inveja-lhe o estilo?

Há a alegria da escrita, que é uma coisa que eu não perdi, prezo muito. São os mil acidentes que dão peso à escrita, como, por exemplo, os acasos. Na pintura também. Uma grande parte das pessoas que pensam que a escrita é uma coisa elaborada, programada, ou os que se entontecem com o "belo estilo" -- que é uma obscenidade que eu detesto e a que chamo caligrafia mental --, toda essa fauna está condenada às academias "ad gloriam".

Quando fala na escrita, fala também de poesia?

Nunca fiz um verso na minha vida, acreditem ou não. A poesia, por outro lado, dá o conservantismo da linguagem. O que trama a prosa é a maldita força sintáctica que a constrói, por mais que se tente quebrá-la. Hoje penso que uma das maiores ambições num escritor é corromper a Língua. Já disse isto e vou repeti-lo: para corromper a Língua, primeiro é preciso saber gramática, a segunda



coisa saber esquecê-la. Foi o que fez o Picasso, o que fez o Max Ernst, ou Dalí.

Acha que a literatura depois da sua geração está condenada a morrer?

Isso é velho. Ainda a rádio não tinha nascido já se dizia isso. O mercado está empenhado em "domesticar". E a televisão molda-a, explora-a pelo seu lado menos vivo. E, no entanto, sem literatura, há uma quantidade de expressões que morriam, uma delas do cinema. Tudo se passa em rolo contínuo. O cinema precisa de literatura, a literatura ganha com o cinema. Se puser um homem de cultura muito mediana a ler um livro, ele hoje tem uma capacidade muito maior de compreensão do que tinha o seu avô com o mesmo nível de cultura.

Explique lá isso melhor.

A televisão por um lado mata, por outro, deu ao leitor uma velocidade de compreensão, um novo conceito de tempo e de espaço. O leitor, numa mesma história, já não fica espantado quando se transfere uma cena para outra e que se apaguem vinte anos num segundo. Hoje, o "flashback" literário é uma constante banal da narrativa pela experiência que o cinema e a televisão usaram dele.

Face a isso, como é que explica que cada vez se leia menos e veja mais televisão?

Aí o problema é outro: a massificação do gosto. A chamada cultura de massas é tão inimiga da alta cultura como da cultura popular. A cultura de massas é uma falsificação montada. Mais ainda: em tudo, na arte, na política e no mercado, o que se pretende é uma concepção do "espectáculo".

Em termos literários, transformar significa o quê?

Na escrita o importante não é o que vou dizer. Há sempre coisas para dizer. O importante na escrita é o como dizer. É essa a preocupação.

Mas também há uma preocupação com o lugar da escrita. Lisboa é o seu lugar?

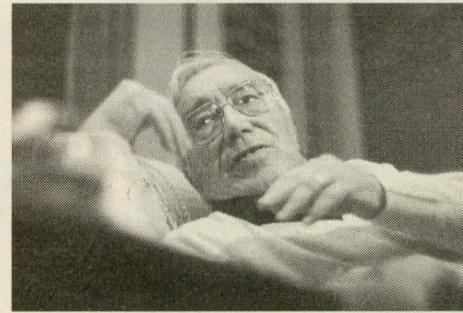
É. Cresci e sempre vivi em Lisboa, à excepção dos cinco anos que estive em Londres. Mas a Inglaterra nunca entrou nos meus livros. Lisboa é o meu universo literário. Não é uma Lisboa tão universal, como a de um António Lobo Antunes, por exemplo. Não. A Lisboa de Lobo Antunes é um dos territórios de todo um esplendor em bruma e maldições que se chama Portugal, e nele cabem os estigmas da violência, do fado e das Áfricas.

Qual é para si o peso do fado na cultura portuguesa?

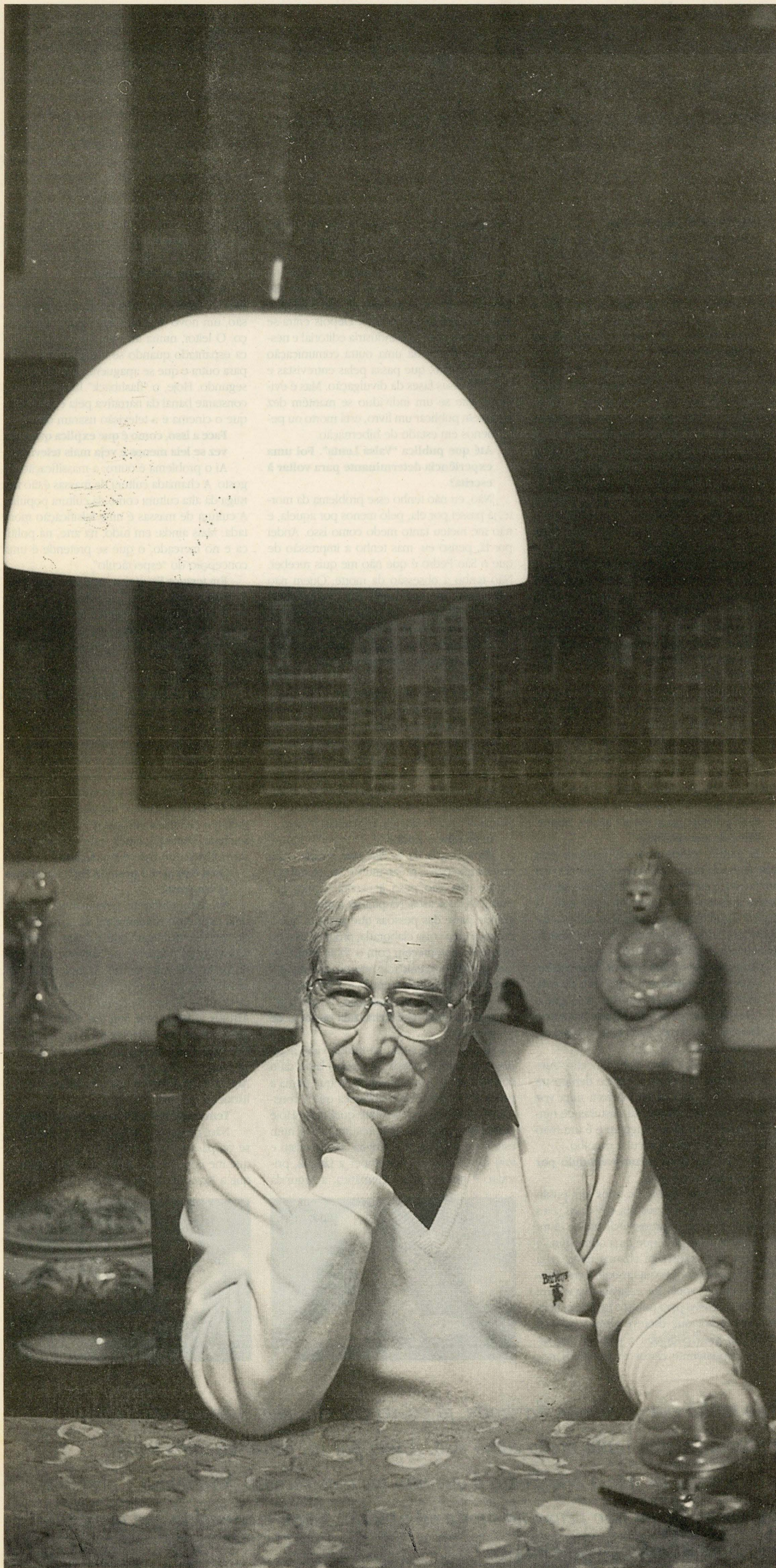
Na cultura lisboeta, pelo menos, o fado é uma expressão fundamental da sua sintaxe e do "espírito do lugar" que a define. Comecei a ouvi-lo de pequeno, na Verbena do Largo do Leão, pela mão de um tio meu. Mário José Paninho, Natalina Bizarro e o Miúdo da Bica eram as figuras de cortaz desse arraial de Arroios. E ainda hoje sou um admirador dos descendentes do Marceneiro e de Tereza de Noronha. Ouço Carlos do Carmo ou João Braga sempre que posso. Beatriz da Conceição e Argentina dos Santos figuram entre as vozes lisboetas que mais admiro.

Tem medo que a Expo mude essa Lisboa?

Não, penso que não. Não sei o que é que se vai passar, mas desde já há uma evidência que me impressiona. A da expressão cultural que a Expo desde sempre tem vindo a ...



Não tenho esse problema da morte, já passei por ela, pelo menos por aquela, e não me meteu tanto medo como isso. Andei por lá, penso eu, mas tenho a impressão de que o São Pedro é que não me quis receber. Não tenho a obsessão da morte. Quem não pensa na morte está morto. Estou convencido que um dia, parto uma unha do pé e morro.



••• reivindicar. Em tudo. Não no espectáculo, apenas. Quer queiramos quer não, a Expo compromete uma cidade toda, sobretudo a parte oriental, perfeitamente desprezada e ignorada, até aqui. Com ela a cidade vai-se alargar e o Tejo enriquecer. Além disso, ela acelerou a inevitável realização da nova ponte sobre o Tejo.

A Ponte Vasco da Gama?

Sim. O nome, enfim, é de somenos. Poder-lhe-ia chamar de Camões ou de qualquer outro português universal.

Não gosta da província?

À parte o Alentejo, a sua cultura rural e a sua paisagem, o campo é-me pouco sedutor.

Mas o "Delfim" passa-se na província, bem como o "Hóspede de Job".

É verdade. Mas o mundo do "Hóspede de Job" é um território militar, um campo de maldição. Mais nada.

Acha que os críticos são artistas frustrados?

Não acredito que um crítico de literatura possa ser um bom crítico se não tiver uma capacidade residual ficcionista, um mínimo que seja. Não quero dizer que seja um ficcionista frustrado, mas que disponha dum certo tipo de imaginação na base da estrutura da análise. Um crítico tem de ter um sentido lúdico da história que está a ler. A literatura é lúdica por natureza. Não há romance sem jogo. Um dos prazeres da escrita é o jogo que o autor faz consigo mesmo e com as personagens. É a alegria que sente quando descobre um truque, um compromisso entre figuras, quando estraga um cenário que está todo preparado e depois lhe dá a volta. Isso acontece muito na pintura. Um crítico tem de ter palpite de jogo, de jogador, sempre admirei isso.

Na sua vida, e enquanto escritor, que importância assume o humor? É por causa do humor, para além do poder de corromper a palavra, que admira tanto o O'Neill?

O O'Neill tinha um humor bastante lisboeta. Ele tinha a capacidade de pegar num adjectivo qualquer, vindo de qualquer lugar, e metê-lo na frase, de tal maneira que saía com um humor cem por cento lisboeta. Eu, por mim, acho isto genial. Essa é uma das grandes qualidades de um grande criador. Considero o humor importante, porque o humor é a guerrilha da inteligência e isso é que me deslumbra. É a maneira de desarticular o jogo estabelecido.

Isso também é um bocado a sua maneira de viver a escrita.

Exacto. A escrita tem muito desse gozo, concordo. A habilidade está no mostrar.

A poesia portuguesa é melhor do que a prosa?

No conjunto, melhor.

Porquê?

Isso já é uma coisa que vem do mais longa tradição portuguesa.

O que pensa do modo como a CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa) tem desenvolvido os seus objectivos?

Não sou muito optimista nos resultados a médio prazo, até porque é Portugal que tem estado a custear a parte cultural deste mundo da lusofonia. Não vejo no Brasil esforços muito preponderantes nesse sentido.

Mas acordos ortográficos como o último, e ver Moçambique, por exemplo, a aderir à Commonwealth, são factos que não auguram nada de bom para a Língua portuguesa.

Estou de acordo com isso. Nada se pode fazer, e há interesses para que nada se faça. Há países da comunidade lusófona com todos os interesses que lhe estão adstritos. Nos acordos ortográficos que até aqui se têm feito os brasileiros têm tido uma política muito inteligente: aceitam e depois não cumprem. O doutor Salazar fez acordos ortográficos luso-brasileiros, que foram todos assinados, e nenhum foi respeitado. Fizeram eles muito bem, aplaudo inteiramente. Não me preocupa nada que se faça acordo ou que não se faça, o que não sou é tão utópico que acredite que esta coisa da lusofonia vá ser fácil de resolver.

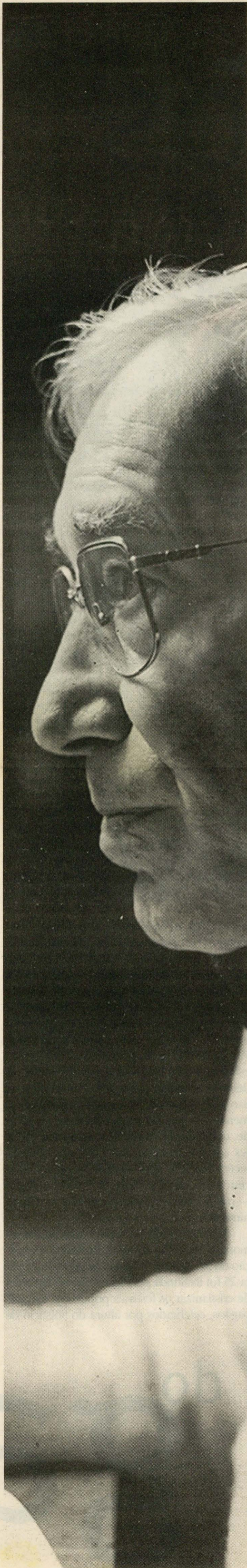
A Feira de Frankfurt contribuiu para melhorar a imagem da literatura portuguesa?

Eu acho que sim, foi uma boa iniciativa, muito bem dirigida. Penso que o Instituto do Livro, a Comissão da Feira, tiveram uma atitude politicamente muito inteligente. Acho que daí vai resultar alguma coisa. De resto, já apareceram alguns autores muito novos publica-

*Nunca fiz um verso
na minha vida, acreditem
ou não. A poesia, por
outro lado, dá
o conservantismo
da linguagem. O que
trama a prosa é a maldita
força sintáctica que
a constringe, por mais
que se tente quebrá-la.
Hoje penso que uma das
maiores ambições num
escritor é corromper
a Língua.*

*A chamada cultura
de massas é tão inimiga
da alta cultura como da
cultura popular. A cultura
de massas é uma
falsificação montada.
Mais ainda: em tudo,
na arte, na política
e no mercado, o que
se pretende é uma
concepção do
“espectáculo”.*

*Lisboa é o meu universo
literário. Não é uma
Lisboa tão universal,
como a de um António
Lobo Antunes,
por exemplo. Não.
A Lisboa de Lobo Antunes
é um dos territórios
de todo um esplendor
em bruma e maldições
que se chama Portugal,
e nele cabem os estigmas
da violência, do fado
e das Áfricas.*



dos lá, como, por exemplo, Riço Direitinho. Deu resultados, e sobretudo não foi uma feira à maneira do português antigo, isto é, o que nós apresentámos lá foi digno. O pavilhão português era indiscutivelmente bem estruturado e recebeu louvores públicos pela sua concepção. Comparar a nossa presença em Frankfurt, o acolhimento que ali tivemos, com aquele que nos foi facultado nas bienais do Brasil, em São Paulo, é algo impossível. Aí, enfim, obtivemos uns “stands” comerciais e um desinteresse mais ou menos generalizado.

Que pensa da política do livro?

Não sei qual é a política do livro.

De outra maneira, sentiu que a cultura passou a ter um ministério?

Francamente não sei responder. Por exemplo, acho que o Instituto do Livro está bastante melhor do que estava ao tempo de Santana Lopes. Nessa altura havia lá uma mulher com funções de directora, tão voraz de leituras assassinas que se transformou numa espécie de “silver fish”. Como bom insecto devorador de livros deleitava-se em censuras e em excomuniões de escritores. Felizmente que na altura da Feira de Frankfurt já tinha mudado de poiso e andava a minar, salvo erro, pelos subterrâneos da Educação.

E o consulado de Sousa Lara?

Esse era excessivamente culto para estar naquele lugar e promoveu-se a censor.

O Urbano Tavares Rodrigues diz que com a idade se perde lisibilidade. Concorda?

Ele diz isso. Eu não vejo as coisas dessa maneira. As opiniões dele são muito diferentes das minhas. Faço projectos para daqui a 50 anos estar aqui a beber uísque. Para o Urbano isso não pode ser porque anda sempre com nevralgias e com dores de cabeça.

O que é que se ganha com a idade?

Com a idade não se ganha nada. A idade é uma fase da aventura da vida.

Mas o Cardoso Pires está ainda numa fase criativa?

Tenho períodos longos de escrita, assim a matar, oito, dez horas se for preciso metido na Caparica a escrever. E períodos de hibernação. Eu escrevo à mão, sempre escrevi. Tenho quatro versões da “Alexandra Alpha”, a quarta muito diferente das duas primeiras. Continuo a escrever à mão, sempre na Caparica. Depois vou para o computador e emendo, redigindo versões uma sobre a outra. Porque faço dele não só uma máquina de escrever, mas também uma máquina de apagar.

Concorda com os subsídios ao escritor?

Eu nunca recebi um tostão do Estado. Nunca pedi, mas entendo que os subsídios actuais me parecem perfeitamente justificados. Os subsídios, desde que sejam bem orientados, independentemente orientados, parece-me que são justificáveis. O meu primeiro livro foram os meus amigos que o publicaram, e alguns até o venderam.

Ontem os escritores encontravam-se antes da publicação do livro, hoje encontram-se nos “cocktails” de apresentação dos mesmos, é isso?

É isso. Mas nesse tempo as gerações mais velhas entendiam-se com as mais novas, havia uma razão para isso, era a censura, a política, que obrigavam a existir uma relação entre nós, quer quiséssemos quer não. Lembro-me muito bem do José Gomes Ferreira, andava sempre com uma pasta com três livros meus, e quando encontrava um amigo, dizia: “É um rapaz com muito talento, toma lá um.” Naquela altura nem havia editores, só os consagrados é que tinham editor, só dois ou três.

Para quando um novo livro?

Em princípio, em Outubro.

É o livro que manda em si?

Pois, sei lá o que me vai acontecer, por enquanto o que escrevi parece-me certo. Depois não sei.

Sobre o que trata? Lisboa?

A maior parte sim, mas é uma Lisboa dos anos 20. Uma história autêntica — não há histórias autênticas, mas enfim —, sobre um tio-avô meu, que foi uma figura mafiosa da República e depois dos tempos do Salazar.

Um Alves dos Reis?

Não, não tinha esse nível. Mas estou a contar isto e talvez o livro venha a ser muito diferente. A vida altera os livros, mas os livros nem sempre lhe obedecem. ■

PERFIL

Livro de bordo

Não se pode dizer que tenhamos começado da melhor maneira. Pela literatura, entenda-se. Se, ainda à porta de casa, Cardoso Pires invectivou contra a alma que se lembrou de lhe levar da rua a respectiva placa identificativa, já entre portas, entre quadros, entre amigos, o mais recente Prémio Pessoa descarregou as suas desconfianças sobre o Natal. Uma infância nada dada a essas coisas, disse. Fora as prendas, claro, aquelas que com a irmã se descobriam sempre antes da hora. Desacreditados ainda os petiscos próprios das festividades, de imediato se passou às virtudes da Literatura. Pomar, Querubim, Cruzeiro Seixas, Paula Rego, entre outros, acompanharam-nos à conversa, regada de um uísque e um vodka — “nacional, não se importa?” De maneira nenhuma. Cigarros? Proibidos pelo médico.

Agradado, mas sem deslumbre, José Cardoso Pires fala dos prémios literários com o à-vontade de um percurso já por diversas vezes distinguido, aquém e além portas. O seu olhar, no entanto, não disfarça um contentamento tão infantil quanto humano. O próprio não deixa de reconhecer a importância maior de um prémio que o coloca lado a lado com nomes como Maria João Pires, João Lobo Antunes ou Ramos Rosa. Considerado um dos maiores nomes da literatura portuguesa, autor de dois romances ditos geniais (“O Delfim” e “Alexandra Alpha”), José Cardoso Pires não viu até agora o seu nome aparecer na galeria dos nobelizáveis. Contudo, não deixa de ser o primeiro romancista a vencer o Prémio Pessoa.

Romancista de vulto, como o acaba de provar. Só este ano os seus leitores ganharam dois novos títulos. Algo verdadeiramente inédito, num escritor que se diz “bissexto”. “Valsa Lenta” vai já na 6ª edição e quem atravessa o livro não regressa indiferente. De lavra mais recente, “Lisboa, Livro de Bordo” leva-o (leva-nos) rumo a uma cidade confessadamente amada e ao mesmo tempo denunciada nas suas misérias e perversidades. Uma característica do escritor e do cidadão que não recua ante o confronto. Nas ideias, na tradição, na política. Porque corromper é uma das funções de quem conhece a escrita e a vida. Quebrou com o neorealismo, marca da sua geração, foi contestatário do Estado Novo, levantou a voz contra a burguesia. Esteve dez anos no silêncio, quase esquecido. Havia quem dissesse que depois de “Alexandra Alpha” não escreveria outro romance. Anuncia-o para o ano. ■